

## ESTUDO EXPLORATÓRIO ACERCA DOS IMPACTOS DO DISTANCIAMENTO SOCIAL NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Adrielly de Oliveira Silva (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Glaucia Valéria Pinheiro de Brida (Orientador), e-mail: [ra117466@uem.br](mailto:ra117466@uem.br).

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCH) /Maringá, PR.

**Área: 70705038 – Papéis e Estruturas Sociais; Indivíduo / Subárea: 70705011 – Relações Interpessoais**

**Palavras-chave:** Gênero, interseccionalidades, violência doméstica.

### Resumo:

Diante do avanço da pandemia da COVID-19, a Organização Mundial de Saúde recomendou o distanciamento social, que tem sido acompanhado pelo aumento de registros de casos de violência contra mulheres e feminicídios. O presente estudo objetiva compreender os impactos do distanciamento social na violência contra a mulher diante da pandemia por covid 19 no Brasil. Trata-se de um estudo exploratório de revisão bibliográfica, em que foi realizado um levantamento de publicações científicas a partir da base de dados Scielo e BVS-Psi. Os dados levantados foram analisados a partir dos estudos de gênero e foram sistematizados em quatro categorias empíricas: 1) a pandemia como agente intensificador da sinergia entre as crises já sobrepostas no cenário; 2) o apoio à mulher durante a pandemia: uma rede em distanciamento de acesso, fragilidade da via de notificação e das políticas públicas; 3) a casa como o *locus* da violência agudizando impactos no enfrentamento a violência contra a mulher; 4) o papel da interseccionalidade no adoecimento singular das mulheres e os agravos para a saúde.

### Introdução

A alta velocidade de propagação e letalidade do vírus SARS-CoV-2 exigiu estratégias e medidas para sua contenção e enfrentamento, entre elas, o isolamento social, medida fundamental também para evitar a sobrecarga do sistema de saúde. No entanto, tal recomendação foi sendo acompanhado pelo aumento de registros de casos de violência contra mulheres. Um indicador de tal potencialização da violência durante a pandemia de COVID-19 é os dados dos meses de março a abril de 2020, primeiros meses do isolamento e distanciamento social, em que houve um crescimento de 22,2% no número de casos de feminicídio. (apud. VELOSO, MAGALHÃES, 2020, p. 43). Portanto, o objetivo deste projeto de pesquisa é compreender os impactos do distanciamento social no enfrentamento à violência contra a mulher durante a pandemia pela COVID-19. A presente pesquisa trata-se de um estudo exploratório de revisão bibliográfica realizado por meio de um

levantamento de publicações científicas nacionais sobre o tema: violência contra a mulher e pandemia por Covid-19.

Para o aporte teórico, guiou-se por meio do conceito de interseccionalidade e gênero. As autoras que tornaram-se um eixo de aporte teórico para gênero são: Joan Scott, Ângela Davis, Maria Amélia de Almeida Teles, Lourdes Maria Bandeira e afins onde as autoras enfatizam a necessidade de abordar gênero em sua relação com o poder. “Seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”. (SCOTT, 1995, p.88). Ou seja, abordar a violência contra as mulheres por uma perspectiva de violência de gênero é reconhecer que a violência se assenta em uma relação de desigualdade de poder entre homens e mulheres e que houve um longo processo de discriminação histórica contra as mesmas.

Já a ferramenta analítica da interseccionalidade foi cunhada pela militante do feminismo negro, Kimberlé Crenshaw e discutido, ainda, por Carla Akotirene, enfatizando que embora cada opressão resguarde uma lógica íntima, ambas convergem em um fluxo de avenidas atravessando os corpos em uma rede de desigualdades. Dessa forma, a interseccionalidade serve para dar visibilidade às encruzilhadas, aos processos e terrenos identitários a partir de uma análise que não se restrinja à soma de características e identificação de marcadores de grupos específicos. Ou seja, não trata-se de uma visão randômica. Mas, que capture o caráter processual e dinâmico que muitas vezes encontra-se invisibilizado nos discursos de diversidade e pluralidade, que podem gerar o não pertencimento por parte de muitas mulheres oriundas de um mesmo grupo. Ou seja, o sentido interseccional é uma metáfora que sinaliza o encontro de avenidas, de eixos identitários, de terrenos sociais, políticos e afins.

Já no tocante aos marcadores identitários que são, ainda, marcadores sociais da diferença, enfatizam que as mulheres não formam um grupo homogêneo onde gênero vai se interseccionar com raça, classe, etnia, sexualidade, capacidade, geração, territorialização e afins. Então, há experiências singulares vivenciadas e formas distintas de expressão do ser mulher, não categorizando um grupo homogêneo e cisheteronormativo.

## Revisão de Literatura

A pesquisa desenvolvida é de cunho exploratório e bibliográfico. Portanto, no tocante ao percurso metodológico, salienta-se que foi realizado um levantamento de publicações científicas nacionais por meio da base de dados Scielo e BVS-Psi, com o período demarcado entre os anos de 2020, 2021 e 2022 que são os períodos de reconhecimento da pandemia. Após a coleta de dados, o total bruto de publicações científicas encontradas durante a pesquisa foi de 25 textos, sendo que 1 foi excluída devido ao não pertencimento integralmente do recorte proposto, restando 24 textos. Dessa forma, procedeu-se com uma leitura e análise minuciosa das literaturas selecionadas onde a sistematização desses dados ocasionou a construção de 4 categorias empíricas, a saber: 1. a pandemia como agente intensificador da sinergia entre as crises já sobrepostas no cenário; 2. o apoio à mulher durante a pandemia: uma rede em distanciamento de acesso, a via de

atendimento, de notificação e as políticas públicas; 3. a casa como o lócus da violência agudizando impactos no enfrentamento a violência contra a mulher; 4. o papel da interseccionalidade no adoecimento singular das mulheres e os agravos para a saúde. Dessa forma, no tópico resultados e discussão, será abordado a respeito das principais conclusões, discussões e apontamento que emergiram de tais categorias empíricas e literaturas.

## Resultados e Discussão

A recomendação de manter-se em casa, privilégio de raça e classe no Brasil, acarretou em obstáculos e dificuldades para a vida das mulheres na medida em que confinou-as, ainda mais, em um espaço de violência de gênero. Logo, o bojo estratégico principal para enfrentar a pandemia e o colapso do sistema do saúde, o manter-se em casa, expõe um paradoxo. Logo, essa casa é destacada como estratégia fundamental para o enfrentamento da pandemia de COVID-19, mas, tal diligência tem desdobramentos na pandemia da violência de gênero, já que, a casa é o lócus da violência doméstica onde as literaturas selecionadas discutem acerca da não divisão igualitária das tarefas domésticas, há autores fomentando acerca do medo, adoecimento, luto, artigos que falam sobre a inauguração de novas demandas emocionais devido a imprevisibilidade do futuro, da crise econômica que pode gerar responsabilidade em conservar o compromisso, autores discutindo todo esse quadro relacionado a insegurança alimentar, ao desemprego e afins. Logo, é importante ressaltar algo crucial sobre a casa e o lar: ambos não são sinônimos. Nesse sentido, as autoras Vieira, Garcia e Maciel (2020) também agregam na discussão ao sublinhar que essa casa pode ser, ainda, a esfera do exercício do poder masculino. Dessa forma, a literatura conclui que o convívio em clausura opera na potencialização dos impactos referentes ao enfrentamento da violência contra a mulher. Além disso, o apoio à mulher durante a pandemia, fora alvo de pesquisa, sendo estabelecido ao longo do trabalho como uma rede em distanciamento de acesso. Já que, locais que mitigam essa violência como creches, escolas, delegacias, instituições e afins estavam operando com precariedade ou temporariamente fechados. Ademais, como a pandemia exigia restrição de contato, a rede de apoio a mulher, seja pelo contato com amigos, familiares e vizinhos, fica fragilizada. No entanto, essa rede estabelece orientações e ajuda no rompimento da relação abusiva e na quebra do ciclo de violência, sendo crucial para as mulheres. Outrossim, a pandemia ainda foi acompanhada por uma desqualificação dos efeitos do vírus pelos representantes políticos, promovendo (des)cuidado com a mulher que no âmbito da violência de gênero desfaz as possibilidades de identificação da mulher, de acolhida e direcionamento, de apoio e afins.

Logo, a pandemia pode ser vista como um acontecimento de imprevisibilidade que descortina e escancara os problemas sociais brasileiros onde a crise endêmica intersecciona-se com a crise ambiental, sanitária, da governança, de acesso, da desigualdade social, entre outras. Dessa forma, a pandemia ocasiona um efeito catalisador entre as crises. Ou seja, a pandemia emaranha as crises situadas em um campo, fazendo as convergir e operar no acirramento das desigualdades sociais e de grupos vulnerabilizados. Logo, a pandemia não cria a desigualdade, mas, potencializa-a onde, em um plano sinestésico, há um pandemônio que impacta a

vida. Mas, tal sinergia entre as crises e os impactos da pandemia, não são sentidos de forma igualitária pelos indivíduos. Logo, há impactos singulares do distanciamento social no enfrentamento a violência contra a mulher durante a pandemia de Covid-19. Por isso, a interseccionalidade faz-se necessária para compreender como as mulheres pretas, periféricas, rurais, indígenas, encarceradas, grávidas, com comorbidades, quilombolas, crianças, adolescentes, PCD, LGBTQIA+, sem acesso à internet e afins foram sendo impactadas singularmente pela crise.

### Conclusões

Os 25 artigos utilizados possibilitaram uma reflexão acerca da pandemia de COVID-19, no contexto Brasileiro. Dessa forma, concluiu-se que a pandemia escancarou os velhos problemas sociais e, à medida em que descortina tais questões, também as amplifica, pois, ocasiona um efeito catalisador entre as crises que trabalham em sinergia operando nas vulnerabilidades. Logo, as autoras como Renata Barreto Malta, Pâmela Rocha Vieira, Lisandra Espíndula Moreira, Vera Paiva, entre outras, vão sinalizando que vivenciamos a crise dentro da crise. E, por meio da lente da interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw, pode-se citar que a pandemia acaba produzindo atravessamentos singulares e interseccionais na vida das mulheres brasileiras onde as medidas sanitárias de distanciamento social acompanharam o distanciamento de acesso das mulheres à sua rede pessoal de apoio e aos equipamentos das políticas sociais necessários para o enfrentamento das violências no período pandêmico.

### Agradecimentos

Agradeço à Fundação Araucária que em cooperação com a Universidade Estadual de Maringá, propiciou-me um espaço de estudo, reflexão crítica e discussão sobre gênero e interseccionalidade que, em especial, também tornou-se possível devido à minha professora orientadora, Glaucia Valéria Pinheiro de Brida, que no desenrolar do projeto acompanhou-me dando apoio e instrução.

### Referências

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v.20, n.02, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721> . Acesso em 31/08/2022.

VELOSO, R. C.; MAGALHÃES, T. V. A pandemia da covid-19 e suas implicações no âmbito da violência de gênero. **Revista Criminologias e Políticas Criminais**, v. 6, n. 2., 2020. Disponível em: <https://indexlaw.org/index.php/revistacpc/article/view/7060>. Acesso em 31/08/2022.

VIEIRA, P. R.; GARCIA, L. P.; MACIEL, E. L. N. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? **Revista Brasileira de Epidemiologia** v. 23, 2020. Disponível em:

31º Encontro Anual de Iniciação Científica  
11º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



10 e 11 de novembro de  
**2022**

<https://www.scielo.br/j/rbepid/a/tqcyvQhgQyjtQM3hXRywsTn/?lang=pt>. Acesso em 31/08/2022.